

(Des)Estímulos às teorias, conceitos e práticas da educação

Américo Junior Nunes da Silva
Valdemiro Carlos dos Santos Silva Filho
(Organizadores)



4

Atena
Editora
Ano 2021

(Des)Estímulos às

teorias, conceitos e práticas

da educação

Américo Junior Nunes da Silva
Valdemiro Carlos dos Santos Silva Filho
(Organizadores)



4

Atena
Editora
Ano 2021

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes editoriais

Natalia Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Arinaldo Pereira da Silva – Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Jayme Augusto Peres – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Daniela Reis Joaquim de Freitas – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Fernanda Miguel de Andrade – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa da Fontoura Custódio Monteiro – Universidade do Vale do Sapucaí
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Welma Emidio da Silva – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Profª Drª Ana Grasielle Dionísio Corrêa – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Sidney Gonçalo de Lima – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo
Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo,
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

(Des)Estímulos às teorias, conceitos e práticas da educação 4

Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Vanessa Mottin de Oliveira Batista
Indexação: Gabriel Motomu Teshima
Revisão: Os autores
Organizadores: Américo Junior Nunes da Silva
Valdemiro Carlos dos Santos Silva Filho

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

D452 (Des)Estímulos às teorias, conceitos e práticas da educação 4 / Organizadores Américo Junior Nunes da Silva, Valdemiro Carlos dos Santos Silva Filho. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-345-0

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.450210208>

1. Educação. I. Silva, Américo Junior Nunes da (Organizador). II. Silva Filho, Valdemiro Carlos dos Santos (Organizador). III. Título.

CDD 370

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, desta forma não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de e-commerce, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

APRESENTAÇÃO

Fomos surpreendidos em 2020 pela pandemia do novo coronavírus. Nesse entremeio de suspensão de atividades e de distanciamento social, fomos levados a (re) pensar as nossas relações e a forma de ver o mundo. E é nesse lugar histórico de busca de respostas para as inúmeras problemáticas postas nesse período que estão os autores e autoras que compõe esse livro.

As discussões empreendidas neste livro, intitulado “**(Des)Estímulos às Teorias, Conceitos e Práticas da Educação**”, por terem a Educação como foco, como o próprio título sugere, torna-se um espaço oportuno de discussões e (re)pensar da Educação, considerando os diversos elementos e fatores que a inter cruzam. Na direção do apontado anteriormente, é que professoras e professores pesquisadores, de diferentes instituições e países, voltam e ampliam o olhar em busca de soluções para os inúmeros problemas postos pela contemporaneidade. É um desafio, portanto, aceito por muitas e muitos que fazem parte dessa obra.

Os autores e autoras que constroem essa obra são estudantes, professoras e professores pesquisadores, especialistas, mestres, mestras, doutores ou doutoras que, muitos, partindo de sua práxis, buscam novos olhares a problemáticas cotidianas que os mobilizam. Esse movimento de socializar uma pesquisa ou experiência cria um movimento pendular que, pela mobilização dos autores/autoras e discussões por eles e elas empreendidas, mobilizam-se também os leitores/leitoras e os incentiva a reinventarem os seus fazeres pedagógicos e, conseqüentemente, a educação brasileira. Nessa direção, portanto, desejamos a todos e todas uma instigante e provocativa leitura!


Américo Junior Nunes da Silva
Valdemiro Carlos dos Santos Silva Filho

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

A EFETIVAÇÃO DO PRINCÍPIO DA DEMOCRATIZAÇÃO NA EDUCAÇÃO: DOIS ESTUDOS DE CASO

Ana Maria Falsarella

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4502102081>

CAPÍTULO 2..... 8

ILUSTRAÇÃO DE CONHECIMENTOS EM TEMPOS DE PANDEMIA

Amanda Eloise Machado de Souza


Beatriz da Silva Aquino

Eduarda Caroline Machado de Souza

Karen Alves dos Santos Soares

Paola Teles Maeda


Wilson Junior Feliciano

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4502102082>

CAPÍTULO 3..... 16

ENCONTROS COM A “AFRO-IDENTIDADE”: “PROFESSORA, EU POSSO TOCAR ESSA MÚSICA PARA VOCÊ!”

Benicio Backes

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4502102083>

CAPÍTULO 4..... 28


EDUCAÇÃO PROFISSIONAL NOS EUA: APROXIMAÇÕES E DISTANCIAMENTOS

Shirley Bernardes Winter

Mariglei Severo Maraschin

Leandro Lampe

Cesar Augusto Robaina Filho


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4502102084>

CAPÍTULO 5..... 36

EFEITO DO PEER INSTRUCTION NO ENSINO DE ESTUDANTES DE MEDICINA

Tatiana de Medeiros Hildebrand Meirelles

Carlos Alexandre Felício Brito


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4502102085>

CAPÍTULO 6..... 53

DESENVOLVIMENTO DE COMPETÊNCIAS SOCIOEMOCIONAIS – UM ESTUDO DE CASO

Joice Silva Gois


Janaína Rute da Silva Dourado

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4502102086>

CAPÍTULO 7..... 62

MUDANÇA ORGANIZACIONAL PLANEJADA OU NÃO PLANEJADA NO CONTEXTO EDUCACIONAL


Alberto Oliveira Viana
Emi Silva de Oliveira
Raimundo Gomes da Silva Junior
Ricardo Pereira Velho

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4502102087>

CAPÍTULO 8..... 75

O CERIMONIAL E PROTOCOLO DAS SOLENIDADES DE COLAÇÃO DE GRAU DOS CURSOS SUPERIORES DO IFRO, SOB A PERSPECTIVA DO GUIA DE EVENTOS, CERIMONIAL E PROTOCOLO DA REDE FEDERAL DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL, CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA


Alberto Oliveira Viana
Emi Silva de Oliveira
Raimundo Gomes da Silva Junior
Ricardo Pereira Velho

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4502102088>

CAPÍTULO 9..... 86

DESIGN DE MÍDIAS EDUCATIVAS E USO DO ESTATUTO DA JUVENTUDE: DE JOVENS PARA JOVENS


Gabriel Guedes Barbosa Silva
Daniel Leite Costa

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4502102089>

CAPÍTULO 10..... 92

A PRÁTICA DOCENTE DE PROFESSORES/AS ENGENHEIROS/AS


Erick Fonseca Boaventura
Adriana Maria Tonini
João Batista Rafael Antunes
Felipe Rodrigues Madeira
Thiago Eduardo Freitas Bicalho







 <https://doi.org/10.22533/at.ed.45021020810>

CAPÍTULO 11..... 102

A INDISCIPLINA EM SALA DE AULA E SUAS CONSEQUÊNCIAS NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM


Letícia Gomes Vilar de Albuquerque
Andressa Oliveira Bezerra
Maria Josenilde Albuquerque Silva
Rosália Mendonça Dutra

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.45021020811>

CAPÍTULO 12.....	110
O INTERVENCIÓNISMO DA MODERNIZAÇÃO NA GESTÃO DA EDUCAÇÃO BÁSICA	
Carmem Lucia Albrecht da Silveira	
Renata Cecília Estormovski	
Sandra Maria Zardo Morescho	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.45021020812	
CAPÍTULO 13.....	118
LEIO; LOGO, ESCREVO	
Francimeire Sales de Souza	
Adriana Alves do Amaral	
Carla Thais Rodrigues de Castro	
Elida Maria Rodrigues Bonifácio	
Gardenia da Silva Frazão	
Tarsis Araújo Magalhães Ramos	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.45021020813	
CAPÍTULO 14.....	127
O PROJETO DIRETOR DE TURMA COMO MEDIAÇÃO PARA A ESCOLHA PROFISSIONAL	
Luziana Silva de Amorim	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.45021020814	
CAPÍTULO 15.....	132
A EDUCAÇÃO POLICIAL MILITAR, NO BRASIL, APÓS A REDEMOCRATIZAÇÃO POLÍTICA DE 1980: ALGUMAS REFLEXÕES	
Eduardo Nunes Jacondino	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.45021020815	
CAPÍTULO 16.....	137
PRÁTICAS ARTÍSTICAS E ESPORTIVAS NÃO CONVENCIONAIS NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL: BADMINTON E CIRCO	
Weverton Fernandes Consul	
Amanda Eloise Machado de Souza	
Gabriel Fernando Melo	
Paola Teles Maeda	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.45021020816	
CAPÍTULO 17.....	144
CONTRIBUIÇÕES DA AVALIAÇÃO FORMATIVA PARA O PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM ESCOLAR	
Juliana Maria da Silva Melo	
Lucilene Angélica da Silva Ferreira	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.45021020817	
CAPÍTULO 18.....	152
A UTILIZAÇÃO DO JARDIM SENSORIAL COMO RECURSO DE ENSINO E	

APRENDIZAGEM


Mércia Inara Rodrigues de Farias
Ana Cristina Silva Daxenberger
Rejane Maria Nunes Mendonça
Andreia de Sousa Guimarães

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.45021020818>

CAPÍTULO 19..... 164

GAMIFICAÇÃO NO PROCESSO EDUCATIVO: ESTRATÉGIAS DE IMPLEMENTAÇÃO NO ENSINO FUNDAMENTAL


Adriana Balestero Monteiro Nogueira
Lilian Rosária Gonçalves de Freitas

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.45021020819>

CAPÍTULO 20..... 177

UMA CRÍTICA SOCIAL ATRAVÉS DA OBRA INFANTIL “CAZUZA”


Solange Santana Guimarães Morais
Erika Maria Albuquerque Sousa

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.45021020820>

CAPÍTULO 21..... 186

DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM – UMA REFLEXÃO BIBLIOGRÁFICA


Karla Aparecida Zucoloto

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.45021020821>

CAPÍTULO 22..... 196

A EDUCAÇÃO ESCOLAR NA COMUNIDADE QUILOMBOLA SÃO FELIX EM CANTAGALO - MINAS GERAIS


Jucilane Costa Pimenta
Eulina Coutinho Silva Nascimento

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.45021020822>

CAPÍTULO 23..... 212

NARRATIVAS COMO ESTRATÉGIA DIDÁTICA PARA O ENSINO DE MATEMÁTICA

Lucas Silva Pires
Marc Santos Peyrerol



 <https://doi.org/10.22533/at.ed.45021020823>

CAPÍTULO 24..... 223

CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS: COLABORAÇÃO DE UM CURSO PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL NA PERCEPÇÃO DOS CURSISTAS

Rayannie Mendes de Oliveira
Vanja Maria Dominices Coutinho Fernandes

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.45021020824>

CAPÍTULO 25.....	228
DIÁLOGOS ENTRE PAULO FREIRE E GILBERTO FREYRE: A CONTRIBUIÇÃO PARA UMA EDUCAÇÃO REGIONAL	
Marina Loureiro Medeiros	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.45021020825	
CAPÍTULO 26.....	241
A IMPORTÂNCIA DO TCC COMO METODOLOGIA ATIVA NA FORMAÇÃO DOS ESTUDANTES NO ENSINO MÉDIO TÉCNICO	
Giovana Brito Bertolini Firmino	
Marisa Aparecida Brigo Ortiz	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.45021020826	
SOBRE OS ORGANIZADORES	249
ÍNDICE REMISSIVO.....	250

CAPÍTULO 3

ENCONTROS COM A “AFRO-IDENTIDADE”: “PROFESSORA, EU POSSO TOCAR ESSA MÚSICA PARA VOCÊ!”

Data de aceite: 27/07/2021

Data de submissão: 04/05/2021

Benicio Backes

Professor da Universidade Feevale
Novo Hamburgo/RS

<http://lattes.cnpq.br/9826461520594821>

O texto, parte da pesquisa de Doutorado do PPG Doutorado em Educação - UCDB/MS, com financiamento PROSUC/Capes, é uma versão ampliada do texto apresentado e publicado nos anais do II CIDI – Feevale, 2018.

RESUMO: Estudo sobre estratégias e iniciativas de infiltração da história e cultura afro nas escolas municipais de Novo Hamburgo, demandadas pela Lei Nacional 10639/2003, por professoras militantes da causa negra, num contexto de colonialidade germânica. Centra-se sobre a afirmação identitária negra e de reconhecimento de sua participação ativa na vida social, econômica e cultural da cidade desde seus inícios de formação. Sinaliza para a perspectiva de práticas pedagógicas interculturais críticas como fomento de dispositivos de saber/poder nos espaços escolares e de sala de aula, com ênfase numa compreensão de culturas no plural. Dessa forma, favorece ressignificações e/ou redimensionamentos do vivido como experiência concreta além de promover a desnaturalização de inferiorizações/subalternizações produzidas/reiteradas pela modernidade/colonialidade em

torno de diferenças raciais e culturais.

PALAVRAS-CHAVE: Lei 10639/2003. Colonialidade. Interculturalidade crítica.

CONFLUENCES OF “AFRO-IDENTITY”: “TEACHER, I CAN PLAY THAT MUSIC FOR YOU!”

ABSTRACT: Study on strategies and initiatives to infiltrate Afro history and culture in the municipal schools of Novo Hamburgo, demanded by National Law 10639/2003, by militant teachers of the black cause, in a context of Germanic coloniality. It focuses on the black identity affirmation and recognition of its active participation in the social, economic and cultural life of the city from its beginnings of formation. It points to the perspective of critical intercultural pedagogical practices such as the promotion of knowledge/power devices in school and classroom spaces, with an emphasis on an understanding of plural cultures. In this way, it favors redeterminations and/or resizing of the lived as a concrete experience, besides promoting the denaturalization of inferiorizations/subalternizations produced/reiterated by the modernity/ coloniality around racial and cultural differences.

KEYWORDS: Law 10639/2003. Coloniality. Critical interculturality.

INTRODUÇÃO

A discussão tem como objetivo mostrar estratégias/iniciativas de infiltração da História e Cultura Afro nas escolas municipais de Novo Hamburgo, como demandadas pela Lei Nacional

10639/2003 (BRASIL, 2003), por professoras militantes da causa negra, num contexto de colonialidade germânica. Centra-se sobre uma destas possibilidades de infiltração: a de afirmação identitária negra e de reconhecimento de sua participação ativa na vida social, econômica e cultural da cidade desde seus inícios de formação.

Para a produção de dados, mediante a aprovação da pesquisa pelo CEP da UCDB/MS, sob o CAEE 60267416.2.0000.5162, em outubro de 2016, foram utilizadas partes de falas de sete militantes da causa negra, um gestor ligado à Coordenadoria de Políticas Públicas de Promoção da Igualdade Racial de Novo Hamburgo/RS (COMPPIR), uma gestora vinculada à Gerência da Inclusão e da Diversidade, um dos setores da SMED, e cinco professoras¹, atuantes na Educação Infantil e no Ensino Fundamental em escolas municipais de Novo Hamburgo, entrevistadas/do no segundo semestre de 2016. E, na perspectiva de compreensão de diferentes forças em relações de articulação (HAL, 2013) e negociação (BHABHA, 2014) quanto à inserção de atividades que contemplem a História e a Cultura Afro-brasileira em sala de aula, recorremos ao campo dos estudos culturais em diálogo com os estudos pós-coloniais e com estudos do grupo modernidade/colonialidade.

Nesses contextos, a discussão aproxima-se da noção de “entre-lugares” (BHABHA, 2014), lugares de enunciação propensos à produção e disseminação de novas diferenças. Diferenças produzidas, transformadas, ressignificadas no encontro de culturas, que se produz como “trabalho fronteiriço” (BHABHA, 2014), levando em conta que a fronteira, mais que sugerir limites, torna-se, também, espaço de possibilidades de encontro. É essa ambiguidade que nem sempre permite distinguir entre o limite e a possibilidade que marca o trabalho fronteiriço, tecido nos encontros de culturas, em que outras diferenças são passíveis de serem produzidas, a partir das relações de poder/saber que entram em negociação ou são estabelecidas em estados de articulação. Aproxima-se, ainda, da interculturalidade como possibilidade de promover uma prática intercultural crítica (WALSH, 2009; 2013; CANDAU, 2012; 2014a), assumindo-se como projeto político de proposição de outros conceitos, outros conhecimentos e outros modelos de sociedade.

MERGULHO NA PRÓPRIA HISTÓRIA: “EU VOU ME DEIXAR PARTICIPAR”

Em uma das falas da professora Flor, referindo-se ao trabalho realizado em conjunto com as demais professoras da Escola Municipal de Arte em que trabalha, a produção de relações da cultura e da estética corporal afro, como diferença e, também, de afirmação identitária, quando do trabalho com música, dança, composição e artes visuais (desenho do corpo), configura-se como encontro de culturas. Assim, embora a África seja uma das referências nos trabalhos dessas professoras com a arte, em uma perspectiva multi/intercultural crítica, não é a busca originária e de uma essência de africanidade que está em jogo, senão a produção da diferença/identidade, engendrada nas fronteiras entendidas,

¹ Os nomes do/das participantes da pesquisa foram trocados por pseudônimos sugeridos por elas/ele e, na ausência de sugestão foram trocados por nomes de flores – opção já feita por três das participantes.

também, em suas possibilidades de encontro.

No caso da escola, quem trabalha com a cultura afro sou eu, mas os outros professores, por exemplo, das artes visuais que também trabalham a questão de traços quando vão fazer desenhos ou quadros, pesquisar artistas, trabalham a relação da arte com a África, com o Brasil, os traços que os negros têm, as diferenças no cabelo, no tom de pele, tudo isso é também trabalhado. Os professores de música que trabalham também com artistas, compositores negros. [...] Fizemos um espetáculo no mês passado, que foi muito bonito: trabalhamos sons e ritmos da nossa afro-identidade, então muitas coisas que foram trazidas pelos negros da África e que, depois, foram sendo misturadas com a cultura do Brasil, chegando até hoje. E a questão do samba, que é uma coisa maravilhosa, patrimônio imaterial do nosso país e que as pessoas, muitas vezes, também não conhecem toda a história de resistência que tem por trás dele. Então, essa importância de toda essa cultura aí que as pessoas têm que conhecer um pouco mais (Prof.^a Flor).

O “espetáculo” a que se referiu a professora Flor e que resulta desse tipo de encontro não tem como ser reduzido à manifestação do exótico, como é próprio do pensamento colonial, que procura desautorizar as diferenças no que elas têm de potencial de luta e de resistência. Antes, é expressão de uma identidade experienciada e tecida como “entrelugar”, como “trabalho fronteiriço” (BHABHA, 2014), uma identidade traduzida como “afro-identidade” (Prof.^a Flor), que se assume como compromisso com sua construção, o que implica o conhecimento da história de luta do povo negro, como experiência de diáspora (HALL, 2013). Enfim, uma afro-identidade construída com base na historicidade da diferença racial, tecida como resistência e luta contra a escravização de pessoas negras e, também, como luta pela afirmação cidadã, que ainda está para ser conquistada em seu sentido mais amplo, o que passa pela ruptura com os discursos e as práticas de transformação da diferença em desigualdade e inferioridade.

Próximo desse mesmo contexto de afro-identidade, em que as pessoas, ao participarem das atividades, veem-se contempladas pelas identificações produzidas ao longo das experiências construídas no próprio desenvolvimento das atividades propostas, tem-se o relato da professora Rosa. Perguntei-lhe se há alguma mudança na medida em que trabalha com algumas questões com as crianças quanto à identidade.

No ano passado, nós tivemos [na escola em que trabalhou em 2015] uma festa [Festa da Consciência Negra] que vai acontecer agora sábado [26/11/2016], lá de novo, e a gente trabalhou muito com os alunos. Foi uma oficina de Abayomi a manhã inteira e muito legal, porque muitos adultos que vinham à festa – pais e jovens do EJA – participaram. Aí tu consegues ver a entrega: “Opa, isso aqui é da minha cultura; eu vou me deixar participar”. Outra professora, que hoje está no Centro Ambiental, trabalhou, com os alunos dela de 7º e 8º anos, as vestimentas afro, e aí nesse enrolar, meus alunos do 5º ano trabalharam uma música afro. E essa música era em Iorubá, numa língua africana e depois ela é traduzida para o português. Então, entendiam o que estava sendo dito e falava muito de deus, e aí eu consegui introduzir isso porque ela falava de deus. E quando chegou nesse dia do sábado letivo, tinha um menino que é tamboreiro de uma terreira e ele falou para mim: “Professora, eu posso tocar

essa música para você!” Ou seja, ele se permitiu dizer que ele era tamboreiro naquele momento, porque ele se identificou com aquilo ali (Prof.^a Rosa).

A forma como a professora Rosa descreveu o envolvimento dos participantes – estudantes e adultos nessa Festa da Consciência Negra, em uma escola da Rede, em 2015, ao marcar a identificação de um menino negro com algo de sua cultura como expressão de uma cultura que o constitui, mostra a potência de uma prática intercultural crítica (WALSH, 2009; 2013; CANDAU, 2012; 2014a). Prática em que o acesso ao conhecimento e a experimentação de diferentes práticas/saberes alça-se à condição de empoderamento a ponto de deixar-se participar, isto é, deixar-se envolver pela experiência do vivido.

O deixar-se participar assume-se aqui como um mergulho em uma cultura que até então parecia apenas reconhecida em espaços restritos, marcados, talvez, pela especificidade que parece ser própria de práticas mais circunscritas a determinados contextos, atividades e eventos. Ou, ainda, talvez marcados pela relegação a lugares secundários, inferiorizados pelas culturas em disputa hegemônica. O deixar-se participar, mostra-se, assim, a possibilidade de se afirmar a partir dos traços de uma cultura que o constitui e que, mediante a confrontação dos atravessamentos de relações de poder/saber, instituintes de diferenças, cria/produz as condições de sua visibilidade.

Nessa mesma atividade, uma oficina em que se trabalha com a confecção da boneca Abayomi – uma boneca símbolo da diáspora africana, carregada de memória, história, ancestralidade e resistência –, trabalha-se também com a vestimenta afro e a música afro. É interessante notar que a professora Rosa, ao trabalhar a música afro, em Iorubá, escolheu uma música que tem em sua letra a palavra deus, muito presente na cultura religiosa cristã/evangélica da região – uma presença que todos as(os) participantes da pesquisa trazem como dificuldade para se trabalhar temáticas que envolvem a História e a Cultura Afro-Brasileira nas escolas e em sala de aula. É a palavra deus que parece sugerir uma “relação de equivalência” (LACLAU, 2011), transformando-a em adesão à música. “Um lugar vazio” (LACLAU, 2011), sem conteúdo próprio, mas capaz de produzir uma identificação, mesmo que transitória. E ao produzir essa identificação, não sugere apenas a adesão do grupo, mas sobretudo empodera um menino, tamboreiro de um terreiro, a tocá-la no tambor. Ou seja, produz-se um momento ímpar em que culturas e identidades, ressignificadas, podem ser compreendidas em sua dimensão plural e, dessa forma, somarem-se às possibilidades de se articular uma sociedade pluricultural, pluriétnica e plurirracial.

Nessa mesma perspectiva de se pensar algumas equivalências, tem-se a fala da professora Ísis Angela, que aponta para algumas similitudes, embora marcadas pela diferença, que se encontram em diferentes manifestações religiosas:

[...] por desconhecer, por ignorância [...] de achar que tu usares uma guia, tu vais fazer o mal, como em várias vezes, em intervenções [...] com adolescentes, que isso é coisa de macumba. E aí estou no meio de uma aula substituindo e alguém diz: “Para aí com tuas macumbas!” Parei tudo. Querem saber sobre macumba mesmo? Então está aí a professora macumbeira que

vai dizer para vocês. Primeiro, vou dizer que macumba é um instrumento musical parecido com reco-reco, que é um pedaço de tronco de árvore que a gente esfrega com graveto e faz som. Então, macumba não é religião. Alguns se apelidam carinhosamente como macumbeiros como eu, mas macumba não é religião. Então, é a primeira coisa que vocês têm que saber. E outra, que existem várias formas da gente glorificar a deus. Vocês não têm os louvores que escutam? Eu canto ponto. Vocês não têm a oferta que é feita lá na igreja? Eu faço oferenda e o nome é até parecido. É a única diferença, gente. E uso roupas diferentes. Algumas mulheres, geralmente as evangélicas, não usam saias compridas? A minha também é comprida, só é mais rodada. E de vez em quando, em trabalho, dou uns giros, mas nada diferente (Prof.^a Ísis Angela).

A afirmação de macumbeira nasce do encontro com a diferença que se confronta e, também, tem na palavra deus o início de uma relação de equivalência: a diversidade de formas de glorificação de deus (Prof.^a Ísis Angela). A aposta na apresentação de similitudes quanto às diferenças religiosas aponta para um jogo de relações de saber/poder que se dão na tentativa de buscar uma aproximação, que é também distanciamento (GOMES, 2002), e, dessa forma, em uma perspectiva multi/intercultural crítica, procura favorecer o questionamento de representações negativas e estereotipadas, produzidas ao longo da história, entre grupos socioculturais e raciais diferentes e, no caso em análise, por parte da colonialidade germânica branca/cristã. Assim, quanto às similitudes, evoca a glorificação a deus, através de cantos/louvores, ofertas/oferdas e roupas especiais. Já quanto às diferenças, pontua as várias formas de se glorificar a deus, louvores e ofertas para os cristãos e ponto e oferenda na Umbanda (religião da professora Ísis Angela) e o uso de saias compridas pelas mulheres evangélicas e, na Umbanda, saias compridas e mais rodadas.

A forma como a professora Ísis Angela conduziu o questionamento, confrontando práticas similares de culturas diferentes, estiliza práticas que se pensavam até então monoculturais, seja na ordem do religioso, seja na do conhecimento, seja na de ser/estar no mundo. É um questionamento que se lança como um convite ao conhecimento da multiculturalidade, termo, que, devido à sua polissemia, aqui se assume como crítica a qualquer prática que se pretenda monocultural (VEIGA-NETO, 2003), reconhecendo e afirmando diferenças como práticas/discursos forjados nas relações de saber/poder, em interação, nos encontros de cultura que se dão em processos de negociação. Logo, nesses processos de negociação, não estão em jogo possibilidades de superação dessa ou daquela prática, como se houvesse práticas a serem discriminadas, superadas e negadas. Antes, esses processos constituem a possibilidade do (re)conhecimento, da afirmação e da proliferação de diferenças.

Esse é, também, o pensamento que toma conta da professora Lyntia, ao articular a montagem de um teatro com as crianças, contando um pouco da história do povo negro, que perpassa a história daquela comunidade em que se encontravam inseridos. De acordo

com seu relato, quando lhe perguntei sobre suas trajetórias de professora, esse é também o momento em que inicia, na escola, sua caminhada no trabalho com a “cultura Afro e Afro-Brasileira” (Prof.^a Lyntia):

[...] na escola onde eu estava, que era a escola da minha comunidade, eu trabalhei doze anos. Lá, começou essa minha caminhada na questão do trabalho da cultura Afro e Afro-Brasileira. Fiquei três anos trabalhando na biblioteca e teve um ano que comecei a trabalhar muito com dramatização. E um dia, uma colega foi assistir. Estava planejando na biblioteca e ela ficou. A gente era ali da comunidade. A gente cresceu juntas e se deu conta de que aquelas crianças eram os filhos dos nossos colegas que haviam estudado junto conosco na infância. “Bah, vamos contar para eles um pouco dessa história? Como foi que perpassou nossos antepassados? Os povos que contribuíram?” Nossa consciência veio dali, veio num crescente de conhecimento e a gente montou um teatro. Esse teatro a gente apresentou para toda a escola num determinado momento. Ficou muito bom, a gente ficava depois da hora, as crianças se envolveram de uma forma tal, que elas começavam a nos cobrar mais ensaios. Ficou uma coisa muito bacana (Prof.^a Lyntia).

O pensar sobre as crianças da escola mergulha a professora Lyntia em sua própria história. Ao revê-la, é capaz de enxergar a sua história e a história dessas crianças compondo a historicidade de toda uma comunidade, que se tece como luta, resistência, afirmação e que condiciona sua vida, sua inserção na cidade, no mundo do trabalho, da cultura e do lazer, sua representação e representatividade. A percepção que resulta desse tipo de experiência com a própria infância traduz-se em inspiração artística, mobilizadora de produção e socialização de conhecimento. Articular a história da própria comunidade em forma de teatro, envolvendo corpo, movimento, música, palavra, ritmo (re)atualiza experiências, mobiliza o pensamento, potencializa a criação e produz conhecimento de si, que é, também, conhecimento da (sobre a) comunidade e do (sobre o) mundo.

A menção a “os povos que contribuíram” (Prof.^a Lyntia) marca a necessidade de (re) conhecimento de uma história que ainda tem pouco espaço de legitimação na escola. E contar essa história, (re)montando-a em cenas de “dramatização”, envolvendo os alunos a ponto de “cobrarem mais ensaios” (Prof.^a Lyntia), de certa forma, rompe com uma lógica monocultural de reconhecimento de/da história como aquilo que se encontra por escrito e que se procura (im)por, nessa perspectiva, como única forma de produção de conhecimento válido. Nesse sentido, os dois movimentos tensionados pela professora Lyntia – trazer a história dos que contribuíram e (re)vivê-la, experienciá-la e contá-la em forma de teatro – constituem-se em uma prática pedagógica multi/intercultural crítica, inundada pelo local e pela experiência vivida, sem significar fechamento sobre si mesmo. Antes, mostra-se como possibilidade de tensionamento das relações de poder que produzem determinadas representações e posições de sujeito em determinadas comunidades/sociedades/culturas (SILVA, 2000).

O começo da “caminhada na questão do trabalho da cultura Afro e Afro-Brasileira” (Prof.^a Lyntia), despertado pelo olhar sensível em torno da comunidade, a partir do (re)

conhecimento das crianças da escola da comunidade, foi acompanhado pela busca de uma formação que lhe garantisse “subsídios para trabalhar com eles” (Prof.^a Lyntia). São esses subsídios que garantem, à professora Lyntia, uma espécie de preparação do campo diante de situações que se dão em sala de aula e que se referem a um conteúdo que faz parte de um componente curricular, para a introdução de temas pertinentes à História e à Cultura Afro-Brasileira.

Assim, para tratar de questões raciais, tanto quanto à sua constituição como de sua compreensão, a professora aproveitou-se da pergunta dos alunos em torno de uma rivalidade presente no futebol gaúcho, “Professora, que time tu és?”² (Prof.^a Lyntia), para falar aos alunos sobre algumas questões étnico-raciais que marcam a história do futebol da dupla grenal e, também, da história do futebol de Novo Hamburgo. Faz o mesmo quando do estudo da Revolução Farroupilha³, conteúdo curricular do 5º ano:

Eu coloco a história dos lanceiros negros, até porque eu fui conhecer a história dos lanceiros negros em Porto Alegre. [...] Conheci-a na Pastoral do Negro, em Porto Alegre. A gente se reunia todos os domingos, na Usina do Gasômetro. E discutia as nossas questões, o negro nas vilas, o negro nas favelas [...]. A professora [...] ia trazendo essas histórias de negros, fazendo uma formação com esse grupo [...]. A partir daí – o que eu quero te dizer – é que eu trouxe para eles também um pouco dessa história da questão dos lanceiros negros, que a professora [...] nos contou. Tudo isso constitui o trabalho. Assim, eles ficam sabendo um pouquinho mais além do que contam os livros sobre a Revolução. Têm dados que a gente precisa trabalhar da Revolução, porque os fatos têm que ser trabalhados, mas o que está por detrás desses fatos também tem que ser trabalhado: a história dos negros. Como ocorreu isso? Foram traídos, sim, como diz a professora [...]: “Se fosse conhecida a verdadeira história do General Neto, Bento Gonçalves e David Canabarro, jamais seriam nomes de rua” (Prof.^a Lyntia).

Saber “um pouquinho mais além do que contam os livros” (Prof.^a Lyntia) traz à tona o que vem com a história dos Infantes e Lanceiros Negros. História recontada por Silva (2014), a partir de vasta análise documental. Seu massacre em Porongos, em 14 de novembro de 1844 (SILVA, 2014), mostra a face racista de uma cultura e a face preconceituosa e violenta de uma sociedade que procura transformar seus horrores e mentiras para com os negros escravizados e libertos, em sagas como a Revolução Farroupilha. Essa revolução é

2 A pergunta, sem a necessidade de mencionar os clubes, remete à polarização entre Grêmio e Inter, como se todos os gaúchos, necessariamente, torcessem por um ou outro.

3 A Revolução Farroupilha, comemorada no dia 20 de setembro, data do seu início em 1835, foi transformada em mito originário do Estado do Rio Grande do Sul. O imaginário de um povo desbravador, leal, politizado e guerreiro provém do enaltecimento de personagens dessa história, que ganha um reforço a partir do movimento tradicionalista gaúcho, que tem inícios em meados do século XX. Silva (2014), através de uma pesquisa abrangente, baseada na análise de documentos, procura desconstruir esse mito, mostrando “o lado infame da Revolução Farroupilha” (SILVA, 2014, p. 16). Entre alguns aspectos que têm proximidade com o tema em discussão, traz à tona documentos que descontroem seu pretenso abolicionismo, mostrando que o movimento farroupilha foi, em grande medida, financiado com a venda de negros escravizados no Uruguai. Traz, ainda, uma releitura sobre a “questão de Porongos”, com base em documentos em forma de acordos, correspondências, ofícios, situando-a como traição ao povo negro, visto que nessa “batalha”, em um ataque surpresa, grande parte dos negros que participaram como combatentes (infantes e lanceiros) a favor dos farroupilhas, com a promessa de liberdade, foi massacrada. E os negros que foram feitos prisioneiros foram remetidos à Corte do Rio de Janeiro (SILVA, 2014).

revivida miticamente “como façanha que sirva de modelo a toda terra” (FONTOURA, 1996), nos festejos da Semana da Revolução Farrroupilha, no mês de setembro, com desfiles e acampamentos e piquetes à moda do Movimento de Tradição Gaúcha e pelo canto do Hino Rio-grandense, o hino oficial do Estado do Rio Grande do Sul. Este concentra o mito fundador das representações que o gaúcho construiu em torno de si, como povo “forte, aguerrido e bravo”, e em torno de um outro, como povo “que não tem virtude acaba por ser escravo” (FONTOURA, 1966).

Mito que ganha uma nova força de contestação a partir da história dos Lanceiros Negros, recontada pelo grupo de rap Rafuagi, que, em 2016, lança o Manifesto Porongos, um videoclipe sobre o assassinato dos Lanceiros Negros. Nesse manifesto, com alteração da letra do Hino do Rio Grande do Sul, substituindo os versos “povo que não tem virtude acaba por ser escravo” por “povo que não tem virtude acaba por escravizar” (RAFUAGI, 2016), explicita o que tanto se procura encobrir pela idealização do movimento farrroupilha: a tão sonhada luta por liberdade não passa de uma cruenta luta pela propriedade, com tudo o que ela pode significar para quem dela toma posse. Nesse sentido, o massacre de Porongos, traição imposta aos negros, já havia sido precedida por outras traições, ancoradas no dito direito à propriedade. Silva (2014) traz algumas dessas traições em forma de perguntas. “Traíram não abolindo a escravidão quando proclamaram a República, em 1836, e sentiram-se livres? [...] Traíram quando financiaram parte da luta com a venda e o aluguel de negros no Uruguai?” (SILVA, 2014, p. 17).

As duas perguntas têm relação direta com o desenrolar do movimento farrroupilha, “uma revolução dos proprietários do Rio Grande” (SILVA, 2014, p. 51), que se utilizaram da população negra escravizada em duas frentes: como força de luta e como mercadoria de troca, que, em uma primeira análise, parecem se mostrar antagônicas. Entretanto, analisadas na perspectiva da defesa da propriedade, veem-se como sendo as duas faces de uma mesma moeda: a defesa da acumulação de capital, incluídos aí a terra e os negros escravizados como propriedade, passava ora pela promessa de liberdade a negros escravizados que se aliassem aos farrapos, ora à venda de negros escravizados como forma de financiamento de seus embates. E esse aparente antagonismo em torno dos interesses de propriedade e de indenização, no caso de eventuais perdas, é o que também sustenta a pergunta quanto à traição “final”: “Traíram ao final do conflito, quando, para selar uma paz dita honrosa, mais ou menos rendosa, com direito à indenização, aceitaram entregar os últimos negros ainda incorporados às suas forças?” (SILVA, 2014, p. 17).

Frente a essas perguntas, saber “um pouquinho mais além do que contam os livros” (Prof.^a Lyntia), como já referido, marca a luta do povo negro em recontar a sua história e, ao recontá-la, afirmarem-se como pessoas que, se nem sempre foram reconhecidas em suas possibilidades de participação ativa nos processos de construção social, política, cultural e econômica dos entornos nos quais faziam parte, construíram toda uma luta de resistência e de apostas em torno de diferentes prerrogativas de sua libertação do

regime escravocrata. Não foi diferente na Revolução Farroupilha, em que negros atraídos para seu “exército” vislumbravam nessa entrada a possibilidade de sua liberdade, como prometido pelos farroupilhas. Daí a força da afirmação reiterada pela professora Lyntia: “Foram traídos, sim”. Afirmação que tende a contar a história a partir da experiência vivida por um povo sistematicamente negado em sua cultura e identidade, em seu direito à livre organização, em sua participação ativa na história, mas que sempre manteve a força de luta em busca de sua afirmação identitária, trazendo para o campo de disputa a necessidade de reconhecimento de sua participação na construção da história local, regional e nacional.

Nesses contextos, situa-se, também, a referência da professora Violeta ao Programa Mais Educação. Transformado em estratégia de inserção da cultura afro nas escolas, (re)atualiza a acuidade de uma luta historicamente tecida pelas populações negras, protagonizada pelo Movimento Negro e, agora, assumida por professores e professoras, engajados nas causas dessas populações, utilizando-se de diferentes estratégias e, entre elas, o financiamento de projetos, por parte do Governo Federal, para infiltrar sua história e cultura nos contextos da escola. Ao retomar, com ela, a pergunta sobre como as culturas negras entram na escola, respondeu:

Nós temos, hoje, a totalidade das escolas municipais que têm o Programa Mais Educação, e uma das oficinas mais trabalhadas e que tem uma inserção muito forte é a Capoeira. E, hoje, não tem uma escola que não tenha tido ou tem a passagem em algum momento muito forte com a questão da Capoeira, sejam os alunos vivenciando oficinas, sejam assistindo a presença de mestres da Capoeira na comunidade. Então, isso ganhou outra visibilidade. [...] eu vejo que só o fato da escola em algum momento, mesmo que seja em momentos diferenciados, trazer isso para discussão, alcançar material, oportunizar momentos, oportunizar projetos e ver os alunos jogando capoeira e não ter nenhuma questão de ter ali alunos brancos, não brancos, todos ali envolvidos numa mesma atividade. Quando se vê os alunos com a questão do Hip Hop; quando se vê os alunos com a questão do Funk no sentido que é uma questão cultural e sabendo que é aquilo, de onde vem, qual a origem; quando se vê o aluno participando de uma oficina de máscaras africanas; quando se vê um aluno olhando quais são realmente os países da África; identificando quais são as palavras que são do português e quais são as palavras do nosso dia a dia que são de origem africana; quando a gente vê os nossos alunos visitarem espaços aqui próximos, um bairro próximo aqui, onde foi uma antiga senzala [...] e que muitos não sabiam. “Mas a gente nem sabia que tinha em Novo Hamburgo” – e que é um museu hoje, uma casa cultural aberta. Então, essas coisas vão abrindo (Prof.^a Violeta).

As diferentes atividades, cada qual com uma especificidade, em determinado contexto, produzem outras leituras, outros olhares, outros movimentos, outras discussões, outros encontros, outras artes, outras danças. Enfim, produzem outras relações, acenando para as diferenças como uma expressão identitária em encontro com outras expressões identitárias e, também, como possibilidade de manutenção de sua matriz cultural (CANDAU, 2014b). A força do dizer “essas coisas vão abrindo” (Prof.^a Violeta) carrega a potência de

uma luta que se dá em diferentes direções e se mostra como prática multi/intercultural crítica tecida no encontro da diferença cultural, (re)afirmando-se e (re)potencializando-se como tal ao direito à existência.

Diferentes momentos de sensibilização, de contato, de manuseio, de discussão de questões que envolvem a História e a Cultura Afro-Brasileira, “mesmo que seja em momentos diferenciados” (Prof.^a Violeta), podem propiciar novas possibilidades de empoderamento diante das dificuldades em reconhecer-se negro, em uma sociedade em que a colonialidade, marca muito viva do pensamento colonial, é (re)atualizada por uma colonialidade germânica, que se pretende única em termos de desenvolvimento cultural e econômico, na cidade de Novo Hamburgo. É nesse sentido que ganha ares de manifesto uma fala da gestora Jurema, diante do baixo número de alunos que se declaram negros. A partir de sua fala em relação à necessidade de trazer a cultura-afro nas escolas, provoqueei-a a falar mais sobre isso:

Coloco a importância de se trabalhar a cultura-afro dentro da escola para que os alunos negros possam se reconhecer como negros. Nós fizemos uma pesquisa na rede e aparecem apenas 500 e poucos alunos negros num universo de mais de 23000 alunos. Isso quer dizer que esses negros, dentro da escola, não se declaram negros. Então, chegamos à equipe diretiva e dissemos: “Queremos que nossos alunos negros se reconheçam como negros, que eles apareçam e para que isso aconteça eles têm que ter orgulho da sua cultura, da sua história” (Gestora Jurema).

Para que o “orgulho da sua cultura, da sua história” (Gestora Jurema) possa ser vivido e transformado em empoderamento, pesquisas que mostrem quem é o negro em Novo Hamburgo, a produção de conhecimento sobre sua história, cultura e participação na construção da cidade, em uma perspectiva multi/intercultural crítica, torna-se uma estratégia que permite materializar seus (e)feitos nessa construção. Nas palavras do Gestor Tamboreiro, tendo-lhe perguntado sobre as possibilidades de a Lei 10.639/2003 tensionar a cultura germânica:

[...] a gente foi pesquisar quantos negros tinham na cidade, onde moravam esses negros, quem são os primeiros a chegar, quais foram os fatos relevantes na construção da cidade, enfim, no tempo da cidade, o que os negros contribuíram. E a gente começou a ter diagnóstico mesmo e ter coisas qualitativas da presença negra em Novo Hamburgo (Gestor Tamboreiro).

A materialização da presença negra em Novo Hamburgo, mediante diagnósticos quantitativos e qualitativos, como apontado pelo Gestor Tamboreiro, constitui-se em instrumental político-epistemológico para tensionar o apagamento histórico de suas lutas, resistências e criações, conferindo-lhes maior visibilidade. Uma visibilidade empoderada. Uma visibilidade orientadora e potencializadora de afirmação racial, cultural, religiosa, social, econômica e política. E, ainda, uma visibilidade produtora de outras marcas, capazes de subverter a colonialidade germânica, produzindo outros sujeitos, propensos à construção de sociedades decoloniais e multi/interculturais críticas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Debruçando-se sobre cada uma das iniciativas/estratégias de infiltração da história e cultura afro nas escolas municipais de Novo Hamburgo, como descritas e analisadas na presente discussão, entende-se que há, por parte das/dos participantes, militantes da causa negra, a opção pelo desenvolvimento de práticas pedagógicas interculturais críticas, apoiadas na afirmação de uma afro-identidade e de busca de reconhecimento da participação ativa da população negra na vida social, econômica e cultural da cidade.

São práticas pedagógicas que, ao mesmo tempo em que tensionam as relações de saber/poder, questionando-as em sua historicidade, procurando desconstruí-las em suas pretensões hegemônicas, fomentam/viabilizam outros dispositivos de saber/poder com ênfase numa compreensão de culturas no plural, favorecendo ressignificações e/ou redimensionamentos do vivido como experiência concreta, além de desnaturalizar inferiorizações/subalternizações produzidas pela modernidade/colonialidade em torno de diferenças raciais e culturais. E, dessa forma, são capazes de despertar o “orgulho da sua cultura, da sua história” (Gestora Jurema) e transformá-lo em empoderamento tensionando o apagamento histórico de suas lutas, resistências e criações, conferindo-lhes nova visibilidade. Uma visibilidade empoderada. Uma visibilidade orientadora e potencializadora de afirmação cidadã, cultural, religiosa, social, econômica e política.

REFERÊNCIAS

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. 2. ed. Belo Horizonte: UFMG, 2014.

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996... **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, a. CXL, n. 8, 10 jan. 2003. Seção I, p.1.

CANAU, Vera Maria. Diferenças culturais, interculturalidade e educação em direitos humanos. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 33, n. 118, p. 235-250, mar. 2012.

CANAU, Vera Maria. Ser professor/a hoje: novos confrontos entre saberes, culturas e práticas. **Educação**. Porto Alegre, v. 37, n. 1, p. 33-41, jan./abr. 2014a.

CANAU, Vera Maria. Educação intercultural: entre afirmações e desafios. In: MOREIRA, Antônio Flávio; CANAU, Vera Maria (orgs.). **Currículos, disciplinas escolares e culturas**. Petrópolis: Vozes, 2014b. p. 23-41.

FONTOURA, Francisco Pinto da. **Hino Rio-grandense**. Porto Alegre: IHGRGS 1966.

GOMES, Nilma Lino. Educação e identidade negra. **Aletria**, Belo Horizonte: UFMG, p. 38-47, 2002.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: UFMG, 2013.

LACLAU, Ernesto. **Emancipação e diferença**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2011.

RAFUAGI. **Manifesto Porongos**. Povo que não tem virtude acaba por escravizar. Vídeo clipe. 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=YkHY4A14Gg8>>. Acesso em: 06 fev. 2018.

SILVA, Juremir Machado da. **História regional da infâmia**: o destino dos negros farrapos e outras iniquidades brasileiras (ou como se produzem os imaginários). 4. ed. Porto Alegre: LP&M, 2014.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 73-102.

VEIGA-NETO, Alfredo. Cultura, culturas e educação. **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro, n. 23, p. 5-15, ago. 2003.

WALSH, Catherine. Interculturalidade crítica e pedagogia decolonial: in-surgir, re-existir e re-viver. In: CANDAU, Vera Maria. (Org.). **Educação intercultural na América Latina**: entre concepções, tensões e propostas. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009, p. 12-42.

WALSH, Catherine. Interculturalidad y (de)colonilidade: perspectivas críticas y políticas. **Visão Global**. Joaçaba. v. 15, n. 1-2, p. 61-74, 2013.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Adaptação 4, 6, 8, 10, 55, 112, 113, 189, 243

Aprendizado 14, 39, 48, 53, 54, 57, 116, 153, 164, 172, 173, 175, 229, 231, 232, 234, 236

Aprendizagem 36, 37, 38, 39, 40, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 61, 71, 93, 102, 103, 104, 105, 106, 108, 109, 114, 115, 119, 126, 131, 142, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 156, 158, 159, 161, 163, 164, 165, 166, 167, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 204, 205, 206, 212, 213, 215, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 236, 243, 244, 246, 247, 248

Artes 8, 9, 11, 17, 18, 24, 139, 151, 194, 231, 232

Audiovisual 86, 90

Avaliação e controle 110

Avaliação escolar 116, 144, 146, 147, 149, 151

Avaliação formativa 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 169

B

Badminton 137, 138, 139, 140, 141, 143

C

Caligrafia 118, 119, 120, 123, 124, 126

Cazuza 177, 178, 179, 182, 183, 184, 185

Circo 137, 138, 139, 143

Colação de grau 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84

Colonialidade 16, 17, 20, 25, 26

Crítica social 177, 179

Cultura 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 24, 25, 26, 27, 62, 63, 66, 70, 95, 112, 120, 134, 140, 165, 167, 171, 174, 177, 178, 182, 184, 196, 198, 199, 201, 202, 203, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 215, 217, 222, 229, 230, 238, 239, 240, 249

D

Desenho 8, 9, 11, 12, 13, 15, 17, 58, 124

Design 86, 88, 89, 91, 168

Dificuldade de aprendizagem 186, 187, 188, 189, 190, 191, 193, 204

Diretor de turma 127, 128, 130

E

Educação 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 15, 16, 17, 24, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35,

36, 37, 38, 45, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 71, 73, 75, 76, 77, 78, 80, 84, 86, 87, 88, 92, 94, 95, 96, 98, 99, 100, 101, 102, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 126, 131, 132, 133, 134, 135, 137, 138, 140, 141, 142, 143, 146, 148, 149, 150, 151, 153, 158, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 171, 172, 173, 175, 176, 177, 178, 179, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 195, 196, 197, 198, 200, 201, 203, 204, 205, 206, 208, 209, 210, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 236, 237, 238, 239, 240, 241, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 249

Educação contábil 110, 113, 114, 115, 117

Educação médica 36, 51

Educação profissional 8, 9, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 35, 62, 63, 64, 75, 77, 78, 84, 92, 94, 95, 99, 100, 101, 131, 137, 138, 140, 141, 142

Educação profissional e tecnológica 8, 9, 28, 64, 92, 99, 100, 101, 137

Educação quilombola 196, 201, 205, 209

Ensino 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 9, 10, 15, 17, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 36, 37, 38, 39, 40, 45, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 55, 56, 60, 61, 62, 63, 65, 67, 71, 73, 75, 77, 78, 79, 80, 81, 84, 86, 94, 95, 96, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 108, 109, 115, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 137, 138, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 161, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 172, 173, 174, 175, 176, 178, 186, 187, 189, 191, 192, 193, 194, 196, 200, 201, 204, 205, 206, 208, 209, 210, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 235, 238, 241, 242, 243, 244, 245, 247, 248, 249

Ensino-aprendizagem 36, 37, 39, 45, 47, 48, 49, 50, 51, 55, 102, 103, 104, 106, 108, 126, 161, 163, 164, 165, 169, 172, 174, 175, 186, 206, 213, 223, 224, 225, 226, 227

Ensino de matemática 51, 212, 213, 214, 217, 222

Ensino e aprendizagem 38, 40, 50, 52, 55, 105, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 152, 170, 205, 227

Escolha profissional 127, 128, 130

Escrita 54, 90, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 177, 179, 182, 186, 187, 188, 189, 193, 194, 195, 217, 223, 231

Estatuto 2, 6, 9, 86, 89, 90, 107, 109, 115, 138, 153, 162

Estímulo sensorial 152

EUA 28, 29, 30, 31, 32, 33, 35, 134

F

Formação docente 152, 155, 157, 161, 162

Fracasso escolar 186, 187, 189, 193, 194

G

Gamificação 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 175, 176

Gilberto Freyre 228, 229, 230, 238, 239, 240

H

História da educação 167, 228

I

Identidade 16, 17, 18, 24, 26, 27, 64, 89, 116, 134, 196, 197, 201, 209, 210, 215, 217, 222, 232, 239

Inclusão escolar 1, 2, 5, 152

Indisciplina 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109

Instrução por pares 36, 41, 44, 47

Interculturalidade crítica 16, 27

J

Jardim móvel 152, 161

Jogos 140, 141, 155, 158, 160, 161, 164, 165, 167, 168, 171, 172, 173, 175, 176, 179

L

Lei 10639/2003 16

Leitura 55, 57, 58, 60, 61, 80, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 181, 186, 187, 188, 189, 193, 194, 195, 217, 223, 225, 227, 230, 232, 237, 239

Literatura infantil 124, 177, 178, 179, 180, 181, 184, 185, 227

M

Mediação 49, 51, 54, 87, 88, 127, 128, 129, 149, 150, 224, 225, 227

Mercado de trabalho 30, 31, 34, 78, 127, 128, 129, 130, 201, 203

Metodologias ativas 38, 39, 48, 51, 53, 55, 60, 61, 141, 142, 166, 167, 169, 229, 239

Métodos regionais 228

Microfísica do poder 132, 133

Modernização 110, 111, 112, 113, 117

Mudança organizacional 62, 63, 64, 65, 66, 68, 72, 73, 74

N

Narrativas 50, 168, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 218, 219, 221, 222, 224, 249

P

Paulo Freire 228, 229, 230, 234, 235, 236, 237, 238, 239, 240

Polícia Militar 132

Políticas públicas 17, 28, 29, 113, 143, 198

Prática docente 38, 92, 93, 94, 96, 97, 98, 99, 100, 197

Práticas socioculturais 212, 214, 215, 216, 217, 218, 221, 222

Problematização 38, 39, 212, 213, 214, 217, 218, 219, 220

Produção 5, 11, 13, 17, 21, 25, 27, 38, 55, 60, 73, 86, 87, 88, 89, 90, 92, 93, 106, 114, 118, 120, 122, 123, 124, 125, 126, 138, 139, 141, 148, 154, 161, 167, 178, 180, 181, 200, 203, 204, 216, 217, 218, 219, 220, 221, 243, 244

Professoras engenheiras 92, 94

Professores engenheiros 92, 94, 99

Protocolo 75, 76, 77, 78, 84

R

Rede federal 32, 62, 64, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 82, 83, 84, 99, 100, 138

Rondônia 8, 9, 10, 11, 15, 62, 63, 64, 65, 73, 75, 76, 77, 79, 80, 137, 138, 139, 143

S

Sala ambiente 53, 54, 55, 56, 57, 60

Sala de aula 16, 17, 19, 22, 39, 40, 51, 55, 56, 96, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 116, 120, 122, 126, 145, 148, 155, 158, 159, 160, 161, 166, 169, 170, 172, 175, 196, 204, 207, 209, 212, 216, 218, 219, 221

T

Tecnologias 15, 40, 49, 51, 111, 113, 114, 164, 167, 170, 200, 205, 209

(Des)Estímulos às

teorias, conceitos e práticas

da educação

4



www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

 **Atena**
Editora

Ano 2021

(Des)Estímulos às

teorias, conceitos e práticas

da educação

4



www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

Atena
Editora

Ano 2021